

O folk-lore no Ceará

Pelo General Murillo Teixeira Barros
(Palestra realizada no dia 15 de
Agosto de 1956, por ocasião do en-
cerramento da Semana Euclidiana)

No encerramento da Semana Euclidiana, aqui estou para prestar uma homenagem à memória do nosso patrono que, reunindo muitas qualidades superiores de escritor, cientista, pensador e estilista incomparável, fez a sensacional revelação do "Brasil dos Sertões" e apontou os futuros rumos da nacionalidade brasileira.

Os problemas econômicos, sociais e políticos, que Euclides da Cunha abordou, e de cujas soluções vai depender a própria subsistência do Brasil, comportam seu estudo em vários livros e servem de roteiro aos trabalhos dos "Euclidianos" de Ponta Grossa, ou dizendo melhor, dos "jagunços do Arraial do Pitangui", para

usar de uma linguagem que é familiar em nossa cidade.

E fiel ao pensamento do nosso patrono, a famosa legenda do "despertar do Brasil Cobôclo" traça uma orientação nacionalista, colorida do mais puro verde amarelo, cuja voz, transmitida pelo Tapejara, já fez eco em Lausanne, na longínqua Suíça, recebeu aplausos do Prof. Roger Bastide da dourta Sorbonne e pela aceitação de muitos confrades em letras dos Estados Unidos e das repúblicas sul-americanas.

Mas, nêsse despertar do Brasil-Cabôclo, em vez de fazer um estudo sobre um dos problemas do Brasil, ouçamos o dedilhar das violas ao "clarão de um luar deslumbrante" de uma linda noite sertaneja em que os cantadores do Ceará nararam histórias, fábulas e apologias, preslando um culto reverente à musa bronzeada do sertão — a cabôcla — em versos deliciosamente deturpados pela linguagem rude do sertanejo, coloridos de um panteísmo admirável, e que revelam uma inteligência superior, muita riqueza de imaginação, uma delicadíssima sensibilidade e uma criação natural, simples e espontânea. Sílvia Romero, no discurso de recepção de Osório Duque Estrada, na Academia Brasileira de Letras, disse textualmente:

— Se vocês querem poesia, mas poesia de verdade, entrem no povo, metam-se por aí por êsses rincões, passem a noite num rancho à beira do fogo, entre violeiros, ouvindo trovas de desafio. Chameem um cantor sertanejo, e m dêsses cabôclos destorcidos, de alparcatas e de chapéu de couro e peçam-lhe uma canção".

Uma das modalidades mais pitorescas do folk-lore cearense é o desafio em que dois cantadores fazem ameaças ou ridicularizam o parceiro em termos jocosos: Desafio entre o cego Sinfrônio e Passariño:

— Vancê tá fazendo arte
De eu mete-lhe em sujeição
Chamo aqui por dois soldado
E te boto na prisão...
Vancê prêso não é nada,
O diabo é levá facão...

— Vancê tá ficando mais véio
E ainda arrenovando
Tornando a nascê dez vez,
Tôdas dez se batizando,
Tôdas dez vindo cantá
Tôdas dez sai apanhando

— Orêia de abaná fogo
Cabêça de batê sola,
Pestana de porco ruivo,
Queixada de graviola,
Canela de maçarico,
Pé de macaco da Angola.

— Venta de pão cruzado,
Bucha de camaleão,
Cara de cachimbo crú,
Pescoco de garrafão,
Testa de carneiro môcho,
Fucim de gato ladrão.

Passarim se eu dé-lhe um baque,
Tenho pena de vancê;
Cai o corpo pr'uma banda
iE a cabeça — pode crê!
Passa das nuve p'ra cima,
Só volta quando chuvê.

— Cantadô nas minha unha
Passa mal que se agonêia:
Dou-lhe almôço de chicote
Janta pau, merenda pêia,
De noite ceia taponá
E murro no pé da oreia.

É Catulo Cearense que nos dá um admirável retrato de cabôcla no seu belíssimo poema "O Marrueiro". Os versos são conhecidos, mas sempre ouvimos com agrado a sua repetição:

Se adisfoiando no samba
Cantando uma alouvação
eu vi a flô dos caborge
das morena do sertão.

Trazia dentro dos óio
istripe e mé curno a abeia!
Oiou-me como uma onça
e ao dispois, como uma ovêia.

Aquêles óio xingoso
eu cuíesso a vasmincê,
roia a gente prû dentro
que nem dois caxinguelê!

Sem mardade um bêjo dado
naqueia boca orvaiada,
havera de te, siá dona
o chêro das madrugada.

A fala dela, siá dona,
era o gemê do regato,
que vai bejando as roiaje,
que cai das boca do mato.

Cheirava as mão da cabôcla
como os verde maturi...
Era taliquá, siá dona,
dois ninho de juriti.

Os pésinho da cabôcla,
quando dansava o baiao,
paricia dois pombinho,
a mariscá pulo chão!

Aqueles braço de fogo,
(Deus não me castigue não!!!)
quênvava como as fuguêra
das noite de São João!...

Siá dona!... Os cabelos
Tinha o calô naturá
da pomba virge dos mato
quando cumeça a aninhá!...

Diz Joaquim Osório Duque Estrada:
— "Pequena contribuição teve que dar o sangue africano ao cruzamento das raças no Ceará, onde a integração dos três fatores étnicos concorrentes na formação da nossa nacionalidade se operou com assinalado e incontestável predomínio do elemento caucásico". E com razão contesta Sílvia Romero, quando generalizou a integração do português, do africano e do indígena na formação brasileira. O Ceará nunca teve grandes lavours, pois o flagelo das secas sempre impôs o regime das pequenas propriedades. No Nordeste, só na zona do litoral de Pernambuco e Alagoas, ocupada pela lavoura canavieira que reclamava muitos braços escravos, é que aparece o negro com acentuada predominância. E no Ceará não seria meia dúzia de escravos que ficavam nas cidades que iriam influenciar o sertão habitado por brancos e cabôclos.

E eis o que nos mostra o folk-lore com relação aos "afilhados" de Gilberto Freyre: Versos do mesmo Teles Quixeramobim:

Agora vou descobrí
As falta que o nêgo tem:
Nêgo é falso como juda,
Nêgo nunca foi ninguém!

Das falta que o nêgo tem
Esta aqui é a primeira:
Furta os macho no rogado,
Furta em casa as cosinhêra,
Os nêgos p'ras camarada
E as nêgas p'ras paricera.

Nêgo é tão infeliz,
Inliel e sem ventura,
Que, abrindo a bôca já sabe:
Três mentira tão segura!
Quanto mais fala — mais mente,
Quanto mais mente — mais jura!

Nêgo não nasce — aparece!
E não morre — bate o cabo!
Branco dá a alma a Deus
E nêgo dá a alma ao Diabo.

De outro autor:

Mulato não larga a faca
Nem branco — a sabedoria,
Cabra não larga a cachaça
Nem nêgo a feitiçaria.

Mas a maior expressão de beleza do folk-lore cearense são as quadras populares que já aparecem revestidas de formas clássicas.

Eu vi minha mãe rezando
Aos pés da Virgem Maria,
Era uma santa escutando
O que outra santa dizia.

Outro dia fui me confessar
E disse ao padre que estava amando
A penitência que êle me deu
Foi que eu fôsse continuando.

Quando o mundo se acabar
E não houver mais ninguém,
Vai na minha sepultura
Que ainda te quero bem.

Sino — coração da aldeia
Coração — sino da gente:
Um — a sentir quando bate
O outro — a bater quando sente

É tão verdade, Maria,
Que estás no meu coração
Que o teu nome principia
Na palma da minha mão.

As tristezas que se cantam
São as mais tristes de ouvir
Porque se cantam chorando
Mas sem o pranto cair

Nas ondas dos teus cabelos
Eu estive a me afogar:
Ficas agora sabendo
Que há ondas sem ser de mar.

Quem inventou a partida
Não sabia o que era o amor;
Quem parte — parte sem vida
Quem fica — morre de dor.

E uma das características mais curiosas que conhecemos é o apêgo que o cearense tem ao torrão natal. O flagelo da seca obriga o sertanejo a emigrar; mas regressa aos "pagos" com a notícia das primeiras chuvas. Quando dois cearenses se encontram nas avenidas turbulentas de New York, em um boulevard de Paris, nas estêpes geladas da Sibéria ou no barulhento mercado de Beiruth, depois das perguntas sobre família e lugares conhecidos, um deles diz que no Ceará está chovendo, o outro pula de alegria. E ambos comentam animadamente a fartura do sertão: a cajuína, o arroz com piquê, o doce de buriti, a cambica de cajá, a passoca com banana, a ceia de São João com a cangica, a pamonha, o aluá e mungunzá e outras "gostosuras" da cozinha cearense.

E separam-se saudosos do Ceará e, na primeira ocasião, viajam para rever a terra natal.

Nenhum cearense esquece o Ceará. E Antonio Sales retratou essa psicologia com esta poesia, com a qual vou terminar esta palestra:

Um justo chegando ao céu,
Cheio de curiosidade
Andou por ali ao léu
Verdo a divina cidade

Vibravam músicas suaves
De harpas, violinos e banjos...
Como belíssimas aves,
Passavam cantando os anjos.

Sorrisos por toda a parte
Por toda a parte esplendores!
Mundo de pranto e de dores
Quem pode ali recordar-te

O justo maravilhado
Continuava o passeio
Quando de surpresa cheio,
Viou um sujeito amarrado!

Pegando um anjo pela asa
Pedi-lhe uma explicação.
E êste lhe disse: — "Essa prisão
É contra as regras da casa".

— "Para conservá-lo cá,
Prendemos êsse teimoso;
— E um cearense saudosos
Que quer voltar ao Ceará!

0